

# Heróis sem Glórias

## *Heroes without Glories*

Roque Andrade \*  
Ernane N. A. Gusmão \*\*

Herói é, no imaginário e no conceito popular, o indivíduo que se distingue por atos de bravura invulgar, abnegação, nobreza de caráter posta a serviço de causa digna ou interesse comunitário. As exigências básicas para uma carreira tipicamente heróica são a lealdade, a temperança e a coragem. Na Era Clássica os heróis e heroínas eram seres predestinados, oriundos de um ancestral divino, da união de um deus ou deusa, com um ser humano, simbolizando em sua origem o contúbio das forças celestes e terrenas. Nessa concepção o herói é um mortal, conquanto lhe sejam atribuídas força, destreza, habilidades excepcionais em certas artes, o direito à mágica do saber e talvez a uma inteligência excepcional. As cinco virtudes do herói cavaleiro medieval eram a temperança, a coragem, a lealdade, a cortesia e o amor, enquanto os atributos elementares do herói mitológico eram a origem divina, a fortaleza e o destemor ante os desafios e aventuras, temperados com grandes realizações em lugares distantes e um retorno triunfal à terra natal.

Nos tempos modernos e mais ainda na Era Contemporânea desfez-se lentamente a mística dos heróis, colhidos quase todos no pragmatismo agnóstico da humanidade confortada por novos paradigmas tecnológicos e científicos, de sorte que a figura do herói foi paulatinamente substituída pelos avanços da ciência, que em sua multifacetada afirmação abalou até mesmo a crença em um Deus onipotente, em deuses menores de panteões diversos, em santos homens e mulheres acoitados no céu dos eleitos. Qual será a chance de um Ícaro desafiador do espaço em plena era dos portentosos aviões supersônicos e das cápsulas espaciais tripuladas? Como pode hoje alguém aceitar a imagem viva de um Perseu salvador, rasgando o espaço sideral no dorso de um alado corcel, o Pégaso, depois de, feito invisível por um capacete mágico, decapitar a Medusa, o mais horrendo e temível monstro da Terra? Que tarefas poderia cumprir um Hércules redivivo para merecer a reverência de uma humanidade habituada a mísseis teleguiados, ogivas nucleares, guerras de precisão cirúrgica? Seria hoje Esculápio capaz de ressuscitar Hipólito em um ambiente crédulo em massagens cardíacas, choques elétricos no peito e transplantes viscerais redentores?

É insofismável, o tempo dos heróis passou. Algo da mística eterna da heroicidade permaneceu contudo nos extratos mais fundos do inconsciente coletivo, aflorando aqui e ali na consciência e certeza dos homens, especialmente dos menos eruditos – “o rústico, porque é ignorante vê que o céu é azul, mas o filósofo e o sábio, que distinguem o verdadeiro do aparente, sabem que aquele céu azul não é realmente azul e muito menos é céu”. Jung, um incansável estudioso dos símbolos e mitos em todas as civilizações, deixou escrito que “as camadas profundas do psiquismo perdem a unidade

quando recuam cada vez mais na escuridão. Mais embaixo ainda, quando se aproximam dos sistemas funcionais autônomos, tornam-se mais coletivas, até que a universalidade é extinta na materialidade do corpo, ou seja, no substrato químico – o carbono, simplesmente carbono. Portanto, psiquismo é mundo”. Compreende-se assim que “a elegância, a riqueza, a complexidade e a diversidade dos fenômenos naturais que decorrem de um conjunto simples de leis universais, são parte integrante do que os cientistas querem dizer quando empregam o termo ‘beleza’”!

O aspecto dramático, até mesmo trágico, dessa evolução é que a humanidade ficou órfã de referências. Ao avançar a ciência, muitas crenças e mitos se desfizeram, implodindo na inconsistência de sua própria tessitura. Antes mesmo que esse vácuo referencial se consumasse, as religiões ocidentais já tratavam de ocupar os espaços, ora estabelecendo novos mitos nos vazios, ora pragmaticamente deslocando, não raro às custas da força e prepotência – predicados hipocritamente condenados em seus cânones – os últimos resquícios referenciais dos mitos e heróis da Antiguidade.

Os hebreus, que já haviam sido influenciados pelo Zoroastrismo da Pérsia, desenvolveram depois de Abraão e Jacó a mística da Terra Prometida pelo deus único Jeová e o mito do Messias Salvador. Eis aí dois exemplos típicos da força avassaladora dos símbolos, no que eles guardam de motivações para a união de propósitos e comunhão de sentimentos – há quatro mil anos os judeus lutam pela sua Canaã e esperam o seu redentor, estoicismo que ainda hoje os congrega, apesar das muitas diásporas que os espalharam pelo mundo, apesar da perda precoce da Arca da Aliança, o mais sagrado objeto que a humanidade já conheceu, apesar do alto custo em vidas e divisas para manter a pátria em Israel e o coração plantado em Jerusalém. O povo hebraico teve seus heróis, a seu tempo e na posteridade – Moisés, Josué, Davi, Salomão, de certa forma reencarnados em figuras recentes e atuais, Ben Gurion, Rabin, Moshe Dayan, Simon Peres,. Mas é forçoso reconhecer que um Ariel Sharon em que pese a sua obstinada e intemorata defesa dos interesses semitas, não tem as características clássicas de um herói. Alguém dirá, em sua defesa – Josué foi também um conquistador impiedoso, a quem o tempo e as distâncias concederam a auréola de herói. Os palestinos concordarão com esta visão histórica, resgatando assim o sacrifício de seus antepassados, e para isto brandirão os estandartes do Islã, recordarão a presença imorredoura do Profeta Maomé, os grandes feitos do Califa Omar e a imagem performática de Saladino, o campeão da Guerra Santa.

Muitos dirão, a história se repete. Sim, a história se repete, mas a modelagem é outra. Komehini e Sadan Hussein são amálgamas de outras têmeperas. E a mídia globalizada tanto constrói os modelos, quanto destrói os mitos, fabrica os falsos heróis. Esta é uma das armadilhas da época em que vivemos – os bandidos – heróis de encomenda, que felizmente não resistem às verdades do tempo. E assim ruíram estátuas de Stalin e Hitler, ídolos de barro que a tirania, o insucesso e a

\* Oncologista Clínico. Vice-presidente da Associação Médica Brasileira. Presidente do Conselho Curador da Fabamed. E-mail: roque@clinicaonco.com.br

\*\* Clínico e Nefrologista. Diretor Cultural da Associação Bahiana de Medicina. Coordenador Geral do Programa Nefro-Bahia - Sesab/Fabamed

derrota não deixaram fossem perpetuados como heróis, uma imagem que certamente reclamavam para si em suas fantasias de onipotência e megalomania.

É curioso observar, Yuri Gagarin foi muito mais enlevado com a mística de herói da humanidade, após o célebre vôo espacial a bordo da Vostok, do que os astronautas americanos Armstrong e Aldrin, os primeiros seres humanos na Lua. Eles foram certamente os heróis da Guerra Fria. Os homens da segunda alunissagem não têm os nomes sequer lembrados, mesmo pelas pessoas bem informadas – foram eles Charles Conrad e Alan Bean ... alguém se lembra? Quem são os passageiros do espaço, vivendo a bordo da Estação Espacial Internacional há meses, em plena estratosfera superior? O homem comum do povo nem sabe da sua existência e no entanto eles estão provavelmente criando as bases para uma expansão da vida terrena ao espaço sideral. Hoje, é muito mais difícil criar a mística de um herói. Mas o ser humano precisa de referências. Na ausência de verdadeiros heróis, cada vez mais improváveis, e no anacronismo de heróis míticos, já de há muito sepultados, cria-se um vácuo referencial muito fértil para as igrejas neo-cristãs, cujo assistencialismo espiritual acaba suprimindo a necessidade primitiva que o homem tem de referência ao sobrenatural, ao místico, ao sagrado. Convenhamos, ao homem do povo, ao cidadão comum, é muito mais fácil e pragmático inculcar dogmas fantasiosos, mas moduladores de condutas, que ensinar uma verdade concreta como “a matéria atrai a matéria, na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias”, com tudo o que isto pode conter de inovador e questionador. Por muito menos, Galileu foi condenado à masmorra. Embora a ciência tenha abalado as potências espirituais, fornecendo explicações objetivas para quase tudo, o acesso amplo a suas diretrizes, com profundidade, é restrito às camadas mais cultas da população. Ainda há muita gente descrente da alunissagem, uma verdade curiosamente mais complexa para o entendimento corriqueiro que a simples crença na santidade dos canonizados e no poder divinatório e protetor dos santos ícones da cristandade. Não há dúvida, foi o progresso da tecnologia que levou as nações civilizadas ocidentais a conquistar hegemonia sobre o mundo. Embora em muitos casos o fizessem em nome da Cruz e da salvação dos gentios, todos nós sabemos a carnificina que resultou. Todavia, quando o homem comum perde seus conceitos e referenciais religiosos, sem encontrar substitutos adequados, sujeita-se a também perder o equilíbrio psíquico e sentir-se extremamente inseguro e doente. Esta é a Lei da Função Transcendente. Não existem exemplos de homens obtusos e a um só tempo ateus. O caráter agnóstico de uma estreita faixa da população é fruto do desenvolvimento intelectual atrelado à capacidade de abstração das divindades criadas, impostas ou sugeridas. Mesmo porém essa suposta nata da humanidade tem necessidade de heróis – seus paradigmas são contudo os grandes vultos reais da civilização através os tempos, os valores do verdadeiro humanismo desatrelado de falsos dogmas de religião, o sentimento da fraternidade universal sobreposto às necessidades individuais. Esses valores estão em sintonia com a ética compassiva de Jesus ou Buda, e outros luminares, despojados porém das falsas roupagens com que a tradição e os interesses eclesiásticos os vestiram através os tempos, para servir a concepções filosóficas pragmáticas e a dogmatismo hipócritas. Toda religião é verdadeira, e até certo ponto útil, se interpretada metaforicamente. Transformar metáforas em fatos reais, e pretender impô-las com a força esmagadora de dogmas – eis o problema.

Os nacionalismos exacerbados, o patriotismo, fabricam também os seus heróis. E fabricam heróis mais reais, palpáveis, físicos, preferencialmente vivos. O herói referencial dos nossos tempos é porém o grande artista popular, o cantor, o guitarrista; o ás dos esportes, o grande futebolista; o toureiro implacável, com toda a simbologia da arena; o galá cinematográfico, os atores das novelas e programas de televisão.

Corre-se aqui o risco de uma inversão tal de valores referenciais, a ponto de figuras inexpressivas, destituídas de qualquer cultura humanística, ou simbologia elevada, modelar as atitudes e procedimentos de grandes comunidades, ditar-lhes os trejeitos, aviar-lhes as vestimentas, mudar-lhes o palavreado, conduzem seus sentimentos e, o que é pior, planificar seus desejos e esperanças.

Desejos e esperanças modelados por falsos heróis – Ai da humanidade se ao invés de heróis verdadeiros, ou ainda heróis mitológicos, tiver que se comprazer com falsos heróis. Heróis de barro. Sem têmpera, sem nobreza, sem coragem, sem lealdade, sem virtudes mágicas, sem cortesia e sem amor. Heróis por acaso. Serão, por acaso, realmente heróis?

É nessa transparência dos falsos heróis, dos heróis por acaso, que aparece como renegada, a figuração dos heróis anônimos que são, por exemplo, os médicos. Não todos, certamente, que a estima do heroísmo não comporta casuísmos classistas, sentimentos corporativistas. A Medicina é todavia, sem sombra de quaisquer dúvidas, um sacrário de atos e vidas heróicas, um panteão de heróis vivos e mortos alardeando através os tempos a grandeza de que são os homens capazes, sobre a carnalidade de seus impulsos primitivos de sobrevivência. A arte da Medicina favorece e conduz o estoicismo da heroicidade, da devoção à dor alheia, ao interesse da comunidade, ao desprendimento dos interesses personalistas.

Quantos de nós sucumbiram nos fronts das guerras, sem disparar um único tiro, sem armas sequer, que não fossem o dever de assistir aos feridos e se expor à metralha impiedosa de um inimigo que não odiamos e cujas dores poderíamos também pençar?

Quantos de nós padeceram heroicamente em meio às epidemias, alheios ao risco conhecido, cientes das contactos letais?

Quantos médicos viveram e vivem as privações dos miseráveis – dos miseráveis sem pão; dos miseráveis sem teto; dos miseráveis sem espírito; dos miseráveis sem ética; dos miseráveis sem compaixão? – Sim, porque o heroísmo maior do médico é conviver com as privações alheias, sejam elas materiais, morais ou espirituais. Compreender-lhes o sofrimento e a dor. Mitigar-lhes a penúria e o ódio. Ensinar-lhes, com o exemplo da serviência, o sagrado dom da compaixão.

Compaixão. Compaixão que leva à ternura. Ternura que alimenta o amor. Amor que despreza os riscos. Os riscos, que constroem os heróis. Heróis anônimos de todos os tempos – Heróis sem glórias, dos tempos que vivemos. Heróis sem ovação, esses os heróis que somos. Esse heroísmo é eterno, estóico, não faz heróis por acaso e nem deixa no ocaso seus heróis. Eles existem, são reais – apenas, não aparecem nos palcos e na televisão. São heróis anônimos, mas, curiosamente, reais. Heróis de um tempo sem mágica. Mágica, de um tempo sem heróis.